

ROTHA

Cultural

Jornalismo para preservar
histórias, memórias e identidades

Edição nº 24 - Novembro 2025

Nomes de escravizados de Jean Monlevade:
História que não pode se apagar

10	Trabal, fula, id. 10 annos, filha de Barbara	8:150,000
11	Shirvan, fula, id. 12 annos, filho de Barbara	300,000
12	Shirvan, fula, id. 12 annos, filho de Barbara	800,000
13	Cipriano fula id. 7 annos, filho de Barbara	1:100,000
14	Pedro, preto crioulo, id. 24 annos, solteiro, rociro	300,000
15	José Maria, preto crioulo, id. 22 annos, solteiro, Carreiro	1:300,000
16	Marciano, preto crioulo, id. 16 annos, vaqueiro	1:200,000
17	Julio, fula, id. 7 annos, Casado com Balbina, Africano, Carreiro	150,000
18	Balbina, fula, id. 53 annos, Casada com Julio. Africana, engomadeira	100,000
19	Mossis, fula, id. 18 annos, solteiro, filho de Balbina, ferreiro	1:100,000
20	Firmiano, fula, id. 35 annos, Casado com Emilia, ferreiro	1:700,000
21	Emilia, preta crioula, id. 36 annos, Casada com Firmiano, Copira	500,000
22	Belmiro, preto crioulo, solteiro, id. 14 annos, filho de Emilia, rociro	90,000,000
23	Maria do Carmo, preta crioula, id. 7 annos, filha de Emilia	300,000
24	Caetano, preto Africano, id. 73 annos, Casado com Thomazia, Carreiro	100,000
25	Thomazia, preta Africana, id. 43 annos, Casada com Caetano, rociro	350,000
Continúa		19.650,000

Hospital Margarida completa 73 anos de histórias, memórias e cuidados



Em 16 de novembro de 1952, sob a batuta do luxemburguês Louis Jacques Enschede, então presidente da Belgo Mineira, foi inaugurado o Hospital Margarida. O nome foi uma homenagem à mãe, Margarite Enschede. Um gesto de cuidado em meio ao ritmo febril da produção de aço e da então Monlevade que surgia. A inauguração recebeu lideranças importantes da época, como o então governador de Minas e futuro presidente do Brasil, Juscelino Kubitschek de Oliveira e as instalações foram benzidas pelo Cônego José Higino de Freitas (foto).

Setenta e três anos depois, o hospital é, sem dúvida, um dos patrimônios de João Monlevade e polo regional de saúde. Além disso, o Hospital Margarida se tornou, para além de um serviço essencial, uma referência afetiva e histórica. Desde a sua criação, o Hospital Margarida é fundamental para salvar vidas e é importante para todo o Brasil. Seja por atender pacientes de Monlevade, do Médio Piracicaba ou de várias partes do país, quando há acidentes graves nas rodovias da região.

GESTÃO

Em 1975, o Hospital Margarida passou a ser gerenciado por uma entidade filantrópica: a Associação Monlevade de Serviços Sociais (AMSS). A partir daí, foram vários os gestores que cuidaram do Hospital Margarida, inclusive, grupos e empresas de consultoria. Até que, em 2004, o hospital reencontrou o abrigo da tradição benevolente com o Conselho Central da Sociedade São Vicente de Paulo. No ano seguinte, a entidade se consolidou como Associação São Vicente de Paulo de João Monlevade assumindo oficialmente a missão de preservar o legado e ampliar o alcance do atendimento.

Até hoje, a entidade é mantenedora do Hospital, através de um Conselho voluntário, formado por representantes de segmentos da sociedade, tendo à frente, José Alberto Grijó. O resultado de melhorias é visível, com o hospital ampliando seu espaço e ofertando vários serviços para a comunidade, tornando o Hospital Margarida referência no Médio Piracicaba.

FUNCIONAMENTO

O Hospital Margarida oferece acesso universal com atendimento em três frentes: SUS, convênios e particular. São cerca de 400 funcionários, dezenas de médicos e uma cadeia de profissionais que mantém o organismo em

funcionamento: enfermeiros, técnicos em enfermagem, nutricionistas, assistentes sociais, farmacêuticos, administradores, auxiliares, higienizadores, recepcionistas, lavadeiras, porteiros, um verdadeiro exército da saúde. Todos do Hospital procuram ofertar um atendimento humanizado, com atenção e cuidado, seguindo protocolos de escuta e de boa acolhida.

SERVIÇOS

Hoje, o Hospital Margarida oferece um amplo conjunto de especialidades médicas, através de centenas de profissionais. Os serviços cobrem desde atendimentos essenciais até procedimentos de alta complexidade: Anestesiologia, Cardiologia, Cirurgia Geral, Clínica Médica, Endocrinologia, Geriatria, Ginecologia, Obstetrícia, Infectologia, Mastologia, Nefrologia, Nutrição, Pediatria, Pneumologia, Urologia e Ortopedia/Traumatologia.

A estrutura assistencial inclui Ambulatório, Centro de Terapia Intensiva (CTI), Centro Obstétrico, Centro Cirúrgico, apartamentos, alas de clínica médica e cirúrgica (feminina e masculina), enfermarias, maternidade e Pronto-Socorro 24h.

Para diagnósticos, o hospital dispõe de serviços ininterruptos de Raio-X, laboratório de análises clínicas, tomografia (foto), endoscopia, colonoscopia e ultrassonografia, garantindo precisão, agilidade e cuidado integral aos pacientes. Para além da modernização dos serviços, o Hospital Margarida continua como grande patrimônio de Monlevade e região, devido ao seu histórico de filantropia e cuidados ao longo de mais de sete décadas.

“O nome do Hospital é homenagem à Marguerite Enschede, mãe do engenheiro Louis Enschede”



Acesse: rothacultural.com.br



Aponte seu celular para o QR Code e viaje por novas rothas

EXPEDIENTE: JORNAL ROTHACULTURAL - Fundador e editor: Erivelton Braz

Rotha Cultural - Publicação da Rotha Assessoria LTDA

Rua Betim, 295, Lourdes – João Monlevade - MG - CEP: 35930-063 / Tel: (31) 98484-1352/ feliciobraz@yahoo.com.br

CNPJ: 27.510.172/0001-61 - Distribuição gratuita dirigida a escolas, bibliotecas e entidades - Tiragem: 1.500 exemplares

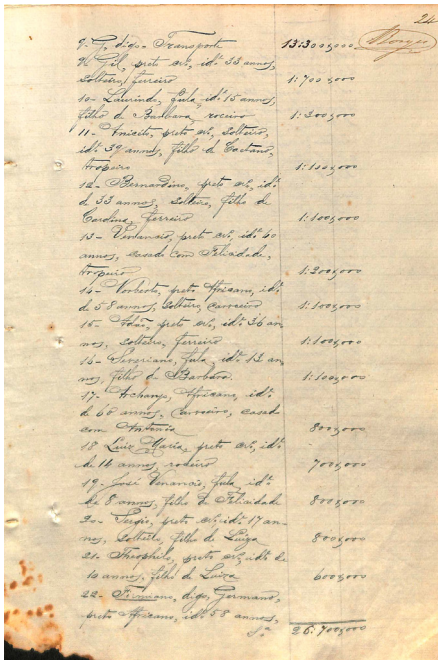
João Monlevade, Médio Piracicaba, Brasil e Mundo - Diagramação e arte: Guilherme Bessa

Colaborador desta edição:

Wir Caetano, Lidianna Campolina,
Juliano Ribeiro de Ávila Torre, Daniel Bahia

A vida dos escravizados nas fazendas de Jean Monlevade

Por Erivelton Braz



A prosperidade do engenheiro francês Jean Antoine Félix Dissandes de Monlevade um dos pioneiros da siderurgia nacional, foi construída com mão de obra escravizada. Diferentemente de outros trabalhos, a produção de ferro na fábrica, grande referência no século XIX, dependia de um corpo de trabalhadores altamente especializado. Inclusive, conforme registros, os escravizados eram treinados pelo próprio Monlevade para atuar nas forjas do Solar.

As informações estão em pesquisas recentes e em inventários da família, revelam que a estrutura escravista adotada por Monlevade era complexa, planejada e organizada. O francês combinava estratégias de formação de famílias, incentivando a criação de famílias, qualificação técnica e mecanismos de controle para assegurar a continuidade da produção siderúrgica.

ESPECIALISTAS

Ao longo de cinquenta anos de produção, Monlevade manteve em suas terras cerca de 200 pessoas escravizadas. A siderurgia exigia domínio técnico, especialmente com o uso da forja catalã, método que demandava conhecimento preciso sobre temperatura, ritmo e manipulação do ferro incandescente.

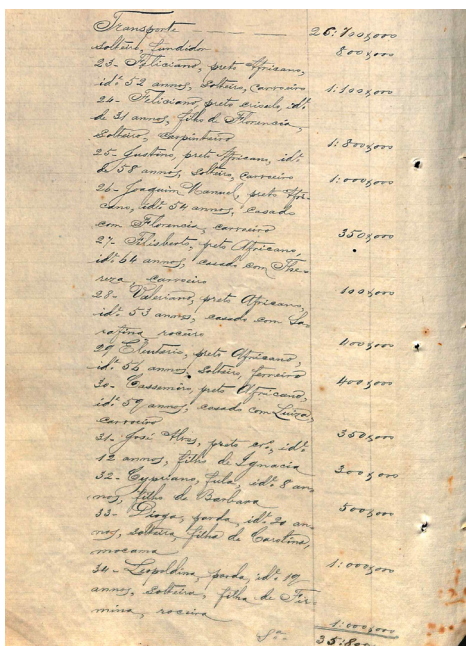
Viajantes europeus da época, que frequentemente descreviam escravizados como “preguiçosos” ou “desmotivados”, encontraram em Monlevade uma realidade que contradizia tais

preconceitos. O sucesso da produção de ferro nas terras do francês não seria possível sem a habilidade e eficiência desses trabalhadores.

O historiador Geraldo Mendes Barros, em seu livro *História da Siderurgia no Brasil, Século XIX*, destaca a participação dos escravizados, especialmente os africanos, na introdução e difusão da técnica de fundição em Minas Gerais. Ele afirma que, entre os cativos de Monlevade, havia até um artesão habilíssimo, capaz de fabricar máquinas de costura e relógios de parede.

GERAÇÕES

A historiadora Martha Rebelatto, em sua tese de doutorado sobre a dinâmica escravista na região, revela que Monlevade incentivava a formação de famílias cativas como mecanismo de estabilida-



de e renovação da força de trabalho. Ela apresenta documentos, como o inventário de Monlevade, que apontam a existência de 247 escravizados: 124 na Fazenda Monlevade e 119 na Fazenda Serra, em Tombos de Carangola.

Era dessa fazenda agrícola que vinha a maior parte dos alimentos para sustentar o Solar, os escravizados e a família de Monlevade. Embora no entorno da Fábrica de Ferro também se plantasse, sobretudo batata-doce, e se criassem animais, era a Fazenda Serra que supria milho, arroz, feijão, legumes e carne.

Conforme a pesquisadora, em 1875, 62% dos escravizados viviam em famílias. Esse número é muito acima da média comum à época. Ao todo, 35% eram filhos de cativos e havia 14 “ingênuos”, crianças libertadas pela Lei do Ventre Livre (1865), permaneciam com

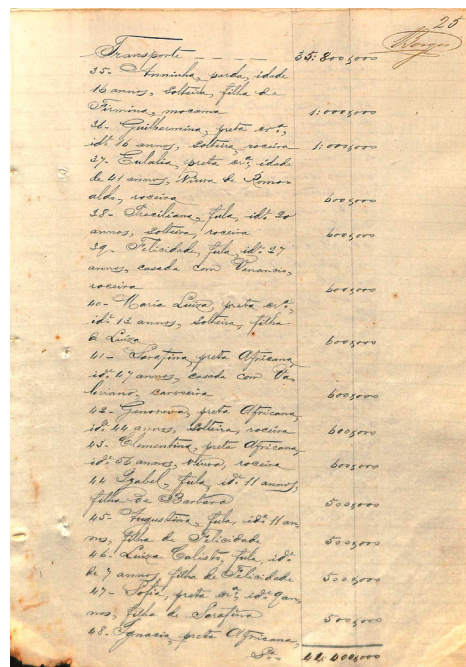
os pais. Nas duas propriedades, conforme os documentos, havia famílias com até três gerações (avós, pais e filhos) convivendo e morando juntos.

Criados desde pequenos no ambiente das forjas, muitos desses indivíduos tornavam-se, na vida adulta, operários valiosos, treinados para funções específicas, seguindo os passos dos pais. A tese da professora Martha Rebelatto destaca que isso constituía um “investimento” mais seguro na lógica escravista. Afinal, era mais vantajoso treinar e transmitir conhecimentos de pai para filho do que recorrer à compra constante de novos trabalhadores. Essa estrutura familiar também representava um espaço essencial de proteção emocional e preservação de laços afetivos dentro das fazendas.

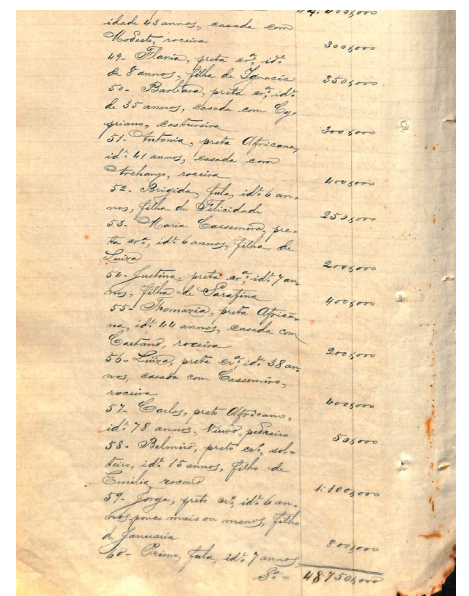
NEGOCIANDO A EXISTÊNCIA

Apesar do regime de brutalidade que caracterizava o sistema escravocrata, havia “espaços de negociação”. Um viajante relatou que Monlevade permitia que seus escravizados lavassem ouro no córrego aos domingos, podendo obter quantias significativas, uma forma de “incentivo” para trabalhos extras, inclusive em feriados. Além disso, consta que no Solar, os escravizados, ferreiros que eram, poderiam fazer as chaves da senzala.

A tese da professora Martha também aponta a boa alimentação e a atenção relativa à saúde, evidenciadas pelo número incomum de idosos entre os escravizados. A longevidade não era necessariamente fruto de benevolência, mas correspondia ao interesse em manter ativos trabalhadores altamente treinados por mais tempo de vida. Assim, entre ferreiros e fundidores, a qualificação técnica se



(*)Erivelton Braz é Mestre em Letras, Teoria Literária e Crítica da Cultura, professor de Literatura, jornalista e escritor. Fundador da Rotha Assessoria e editor do Rotha Cultural



convertia em uma arma poderosa para garantir a sobrevivência. Como trabalhadores especializados, eles valiam mais e tinham melhores condições de vida do que muitos outros escravizados da época.

ALÁTÚNSE

O Projeto Alátúnse, parceria do Conselho Municipal de Promoção da Igualdade Racial (Compir), com a Fundação Casa de Cultura, grafitou, em 2024, no muro da Praça do Povo, os nomes de escravizados que trabalharam para Jean Monlevade. As informações vieram à tona após o jornalista Wir Caetano descobrir a tese da professora Martha Rebelatto. As pinturas integram ações permanentes de valorização da memória negra e de recuperação de personagens que tiveram papel fundamental na formação da Fábrica de Monlevade e, consequentemente, da cidade. Nomes da história que não podem se apagar.

Fotos: Reprodução de documentos da família Monlevade com nomes, idades e o preço de escravizados

A profundidade dessa cor

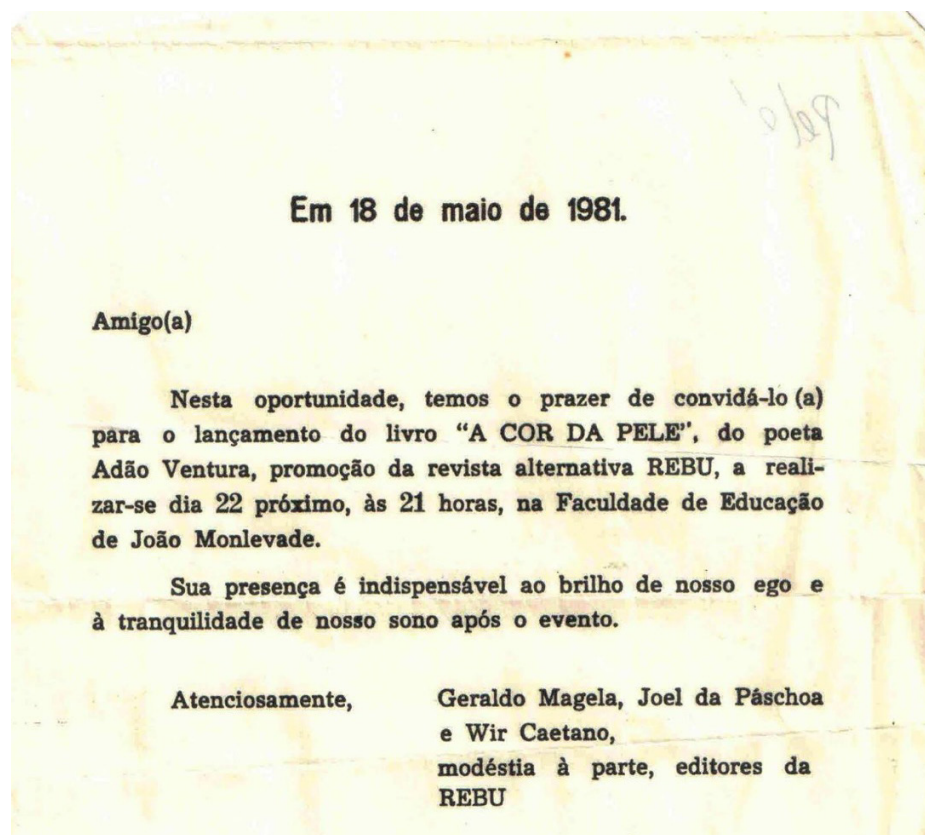
(*)Wir Caetano

Na noite de 22 de maio de 1981, o poeta Adão Ventura chegou à Faculdade de Educação de João Monlevade, no prédio da antiga Escola Estadual Santana. Sua vinda foi articulada por três jovens que editavam uma pequena revista literária, de nome REBU: Geraldo Magela, Joel da Páschoa e eu. O bisneto de escravizados, nascido em Santo Antônio do Itambé em 1939, trazia na bolsa uma joia que, naquela data, era lançada em nossa cidade: o livro A COR DA PELE (1980).

O evento passou despercebido, mas não deveria. Quem viera à cidade é um dos maiores poetas brasileiros do século 20 dentro e fora do universo da literatura de autoria negra. O escritor e crítico literário Silviano Santiago escreveu que “Cruz e Souza [o grande simbolista] e Adão fazem legítima poesia ao mesmo tempo que fazem excelente poesia negra”.

Esse artigo de Santiago - publicado originalmente na Folha e São Paulo em 1981 - está presente em “A Cor da Pele - Poesia Reunida” (Círculo de Poemas - Editora Fósforo, 2025), reunião de sete livros (incluindo uma antologia póstuma) do poeta morto em 2004, organizada pelo jornalista e também poeta Fabrício Marques”.

Conforme frisa o posfácio escrito por Marques, três vertentes marcam a



obra “múltipla e aberta” de Adão Ventura: “a primeira, mais experimental, dialogando com as vanguardas do século passado; a segunda, uma face engajada com as questões sociais e raciais; e uma terceira, em que expressa uma visão lírica das manifestações do sagrado em Minas”.

CONSCIÊNCIA POLÍTICA

O poeta que escrevia textos de inspiração surrealista, com certo hermetismo, como a prosa do livro “Abrir-se um abutre ou mesmo depois de deduzir dele o azul” (1980), viveu em 1970 um acontecimento que provocou uma guinada em sua trajetória literária.

Graduado em Direito, Adão trabalhava como revisor no Suplemento Literário de Minas Gerais (SLMG). Era o ano de 1973 quando foi convidado a lecionar literatura brasileira contemporânea na Universidade do Novo México, nos EUA.

“Quando retornou a Belo Horizonte, exatamente um ano depois, em 13 de janeiro de 1974, Adão estava transformado”, escreve Fabrício Marques. Assistir de perto às lutas da comunidade negra por direitos civis e conviver com autores tanto dos EUA como de outros países impactaram profundamente a consciência política de Adão quanto à questão étnico-racial e, por extensão, sua poética.

O primeiro livro lançado por ele após essa experiência, “As Musculaturas do Arco do Triunfo”, não

refletiu a mudança de postura apenas porque reunia poemas escritos anos antes - obra vencedora em 1972 do Prêmio Cidade de Belo Horizonte. A virada radical ficaria clara em 1980, com “A Cor da Pele”.

Não se tratava apenas de colocar um novo tema na pauta. O poeta mudava os caminhos de sua linguagem, agora seca e direta: “levar o negro ao tronco / e cuspir-lhe na cara // e fazê-lo comer bosta. // levar um negro ao tronco / e sarrafeá-lo a mulher. / levar um negro ao tronco / e arrebentá-lo os culhões. // levar um negro ao tronco / e currar-lhe no lixo.”

Como que a reverberar a famosa frase do francês Paul Valéry - “o que há de mais profundo é a pele”, Adão Ventura faz da cor da pele “algo de pessoal e intransferível, e ao mesmo tempo algo de coletivo e histórico” (Silviano Santiago no artigo citado acima).

No mesmo ano de 1980, o poeta lançou mais um livro, “Jequitinhonha: poemas do Vale”, com a mesma linguagem direta e estrutura concisa. Desta vez, para focar no território, com suas tradições, fé e resistência. É ainda a pele como canal comunicativo entre o individual e o social.

Adão lançou ainda “Texturaa-fro” em 1992, uma nova edição de “Jequitinhonha: poemas do Vale” em 1997 e “Litanias de Cão” em 2002. O próximo livro, que ele intitulou “Costura de Nuvens”, só foi



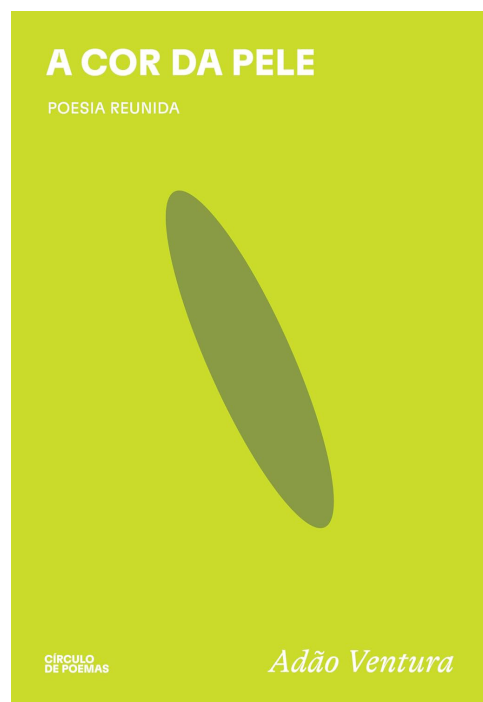
(*)Wir Caetano é jornalista, letrista de música, produtor cultural, fotógrafo e poeta. Ele edita a newsletter digital “STIL NOVO”, focada, principalmente, em arte contemporânea, questões étnico-raciais e cultura urbana.

publicado em 2006, dois anos depois de sua morte.

Apesar de ter tido tempo de produzir toda uma obra que se situa entre a fina flor da poesia brasileira, o poeta passou anos longe dos olhos da crítica e dos leitores. O lançamento deste “A Cor da Pele - Poesia Reunida” traz de novo para a cena sua coragem e sua maestria. Mais do que necessário neste temos de embates duros. Afinal, o que há de mais profundo é a cor da pele. Essa antologia merece ser lançada em Monlevade, em um diálogo com a iniciativa dos três jovens de 1981.



Poeta Adão Ventura publicou A Cor da Pele em 1980, obra relançada neste ano





Monlevade prepara edição histórica do Natal de Luz com financiamento cultural



Fotos: Divulgação

A atmosfera natalina já começa a ganhar forma em João Monlevade. Em 2025, a cidade viverá a maior edição do Natal de Luz desde a criação do projeto, reafirmando sua vocação para celebrar

a cultura, a memória e o sentimento de comunidade. Em sua 5ª edição, o evento inaugura um novo modelo de financiamento cultural, que possibilitou sua realização mesmo diante de restrições

orçamentárias sem abrir mão da criatividade, da participação popular e do fortalecimento da economia cultural.

A iniciativa, conduzida pela Prefeitura e pela Fundação Casa de Cultura, garante que a cidade permaneça iluminada e ativa durante o período festivo, estimulando o comércio, movimentando empreendedores e revitalizando espaços públicos simbólicos.

ILUMINAÇÃO

Sete pontos da cidade receberão decoração especial: Praça do Povo, Praça 7 de Setembro, Praça Pio XII, Rotatória do Trevo da Armando Fajardo, Centro de Convivência Espaço Bem Viver, Pracinha do Planalto e Praça da Igreja São José Operário. Em cada um deles, a cenografia temática destaca elementos da identidade monlevadense e valoriza a experiência do visitante, convidando moradores e turistas a percorrerem a cidade e vivenciarem o espírito do Natal.

MERCADO DE NATAL

Entre os destaques da programação está a segunda edição do Mercado de Natal, que se firmou em 2024 como um importante polo de geração de renda para artesãos, produtores locais e empreendedores criativos. Agora ampliado, o espaço ganhará nova cenografia e casinhas temáticas em madeira, projetadas para gastronomia e exposição de produtos artesanais, reforçando o diálogo entre cultura, arte e economia.

FINANCIAMENTO CULTURAL: INOVAÇÃO E ARTICULAÇÃO

Em 2025, as limitações financeiras impediram que a Prefeitura utilizasse recursos próprios para atrações artísticas e restringiram a licitação da decoração. Para evitar que o município ficasse sem sua programação cultural de fim de ano, a Fundação Casa de Cultura buscou alternativas de financiamento e articulou novas parcerias.

A instituição identificou, via Lei Rouanet, um projeto da Associação Livre de Cultura e Esporte (Alce), parceira do Festival Gastronômico, e o apresentou a empresas. A partir dessa articulação, o projeto recebeu o patrocínio da Bemisa, possibilitando a manutenção e ampliação das atividades culturais do mês de dezembro. Conforme apurado,

serão investidos R\$150 mil.

Com esse incentivo, segundo a Prefeitura, foi possível revitalizar a decoração da Avenida Castelo Branco, garantir apresentações culturais contínuas e expandir o Mercado de Natal, assegurando que a cadeia criativa e econômica da cidade se mantenha ativa durante o período festivo.

Para Nadja Lírio, diretora-presidente da Fundação Casa de Cultura, “o Natal de Luz é, para João Monlevade, uma expressão da coletividade. É quando a comunidade ocupa os espaços, fortalece seus vínculos e renova o pertencimento. Mesmo diante de restrições, buscamos caminhos para preservar essa tradição. A parceria com a Alce e o patrocínio da Bemisa foram essenciais para manter viva essa celebração”.

A vice-prefeita Dorinha Machado (MDB) reforçou a relevância da união de esforços. “Somos muito gratos à Alce pelo projeto apresentado e à Bemisa pela confiança na cultura e na nossa comunidade”. O prefeito Laércio Ribeiro (PT) também ressaltou o impacto da iniciativa. “A Casa de Cultura teve atuação decisiva para essa parceria. Graças a essa mobilização, o Natal segue sendo um importante motor de desenvolvimento social e econômico para João Monlevade”.

PAPAI NOEL

A abertura oficial do Natal de Luz 2025 será no sábado, 29 de novembro, com a chegada do Papai Noel e um espetáculo infantil. Com apoio das parcerias estabelecidas, todos os fins de semana contarão com apresentações culturais no Mercado de Natal. A programação completa será divulgada nos próximos dias pela Prefeitura e pela Fundação Casa de Cultura.



Posto UAI

Praticidade e serviços públicos ao alcance de todos

Com agendamento online e atendimento eficiente, o **Posto UAI** já realizou milhares de atendimentos e quase **28 mil identidades emitidas**.

Serviços à disposição no Posto UAI:

Carteira de Identidade, Posto da Receita Federal, Habilitação, Trânsito, Liberação de Veículos, IPSEMG, Recadastramento de Servidor Inativo, Emissão de Carteirinha de CIPTEA, PROCON, Alistamento Militar, CAT/SINE, Recuperação de Senha GOV.

Agende pelo site:
www.cidadao.mg.leg.br



Câmara Municipal de
João Monlevade
Bicênio 2025/2026
Câmara forte, cidade forte!

Coração sempre alerta

Fotos: Divulgação: Karith Campolina e Julieta Bittencourt



O Escotismo e o 45º Grupo Escoteiro Monlevade: Educação para a Vida e Transformação Social

(*)Lidianna Mesquita

O Escotismo é um movimento educacional mundial que há mais de um século forma jovens preparados para enfrentar desafios, servir à comunidade e construir um mundo melhor. Fundado por Robert Baden-Powell, em 1907, o movimento escoteiro é hoje reconhecido como a maior organização juvenil voluntária do planeta, presente em mais de 170 países e com cerca de 57 milhões de membros.

Mais do que uma atividade de lazer, o Escotismo é uma escola de cidadania. Seu objetivo é contribuir para o desenvolvimento integral de crianças, adolescentes e

jovens, ajudando-os a se tornarem pessoas éticas, responsáveis, participativas mediante o aprendizado de valores como respeito, lealdade, solidariedade, trabalho em equipe e amor à natureza.

O movimento se baseia em três princípios fundamentais, quais sejam, o dever para com Deus, respeitando a crença de cada indivíduo; dever para com o próximo, promovendo o serviço, a amizade e a fraternidade; e o dever para consigo mesmo, estimulando o autoconhecimento, a disciplina e o crescimento pessoal.

O Método Escoteiro propõe o aprendizado pela ação, onde o jovem é protagonista de sua própria formação e as atividades são vivenciais, sendo seus elementos centrais a Promessa e a Lei Escoteira, que orientam a conduta e os valores; o aprender fazendo, que estimula a autonomia e a responsabilidade; o sistema de equipes, que ensina liderança, convivência e respeito; a vida ao ar livre em harmonia com a natureza; e o serviço à comunidade, como forma de cidadania ativa.

O movimento é estruturado de acordo com as faixas etárias, por ramos acompanhando o desenvolvimento natural dos jovens: Lobinhos (de 6,5 a 10 anos) aprendem por meio de jogos e histórias do Livro da Jângal; Escoteiros (de 11 a 14 anos) vivem em patrulhas e praticam o espírito de aventura; Seniores e Guias (de 15 a 17 anos) buscam desafios e aperfeiçoamen-

to pessoal; Pioneiros (de 18 a 21 anos) atuam em projetos comunitários e liderança social.

Localizado em João Monlevade/MG, o 45º Grupo Escoteiro Monlevade possui 66 anos de idade, e atua com o propósito de formar jovens cidadãos conscientes, solidários e comprometidos com o futuro do planeta, realizando atividades que combinam aprendizado, aventura e serviço à comunidade e promovendo o desenvolvimento humano, e suas reuniões ocorrem aos sábados entre as 9:30 e 11:30 em sua sede situada à Rua Palmas, n.º 160, Bairro Baú.

No curso de sua existência, foi responsável por ensinar o método escoteiro a várias gerações; no ano de 1992, foi reconhecido como uma associação sem fins lucrativos de Utilidade Pública Municipal pela Lei 1.157/1992 e atualmente aguarda ser reconhecido como de Utilidade Pública Estadual por projeto de Lei a ser proposto pelo deputado estadual Tito Torres.

Atualmente e depois da COVID-19, a qual foi responsável pelo completo esvaziamento do grupo entre os anos 2019/2021; conta com 53 inscritos entre crianças, jovens e adultos e está em fase de reestruturação de sua sede visando melhor receber seus beneficiários, que vem se multiplicando, principalmente no ramo Lobinho; um sinal de que a proposta educativa estabelecida no escotismo representada pelo 45º Grupo Escoteiro Monlevade mantém-se hígida e é

apreciada pelas crianças e jovens da atual geração.

Não é demais destacar que esta pessoa que lhes subscreve foi a 25 anos atrás uma jovem beneficiária do método escotista, que sabendo de sua aptidão de formar pessoas de bem retornou ao 45º Grupo Escoteiro para que sua própria filha, hoje com sete anos de idade, pudesse receber o método escotista; e retornando, acabou também por assumir o compromisso de ensinar aos jovens o que aprendeu na juventude.

Em suma, o 45º Grupo Escoteiro Monlevade é mais do que uma organização juvenil; é uma associação sem fins lucrativos de caráter educacional, cultural, beneficente e filantrópico destinado à prática da educação não formal sob a forma do Escotismo e que tem em seu âmago promover a educação e o desenvolvimento integral de jovens através de atividades ao ar livre; e cuja missão é educar para a vida e transformar a sociedade monlevadense.



Chefe Messias Magalhães ajudou a fundar o grupo de Escoteiros de João Monlevade há 66 anos e é referência para o grupo



(*)Lidianna Mesquita Campolina Cassoli (advogada, escotista e mãe de Lobinha).



E lá se vai mais um dia...

(*) Daniel Bahia

E lá se vai mais um dia e, com ele, o grande Lô Borges. A notícia da sua partida fez o tempo voltar, como se um velho vinil começasse a rodar de novo. Vieram à mente as montanhas de Minas, os amigos, os acordes, o som que nasceu livre e virou história.

Assim como foi influenciado pelo vento mineiro e pelas esquinas de Divinópolis e Paraisópolis, Lô também se alimentou de mundos diversos: The Beatles, Neil Young, Caetano, Gil, Chopin. Misturou tudo e devolveu ao mundo algo novo, um som com cheiro de terra molhada e o brilho do céu noturno.

Tinha apenas dezessete anos quando, ao lado de Milton Nascimento, Toninho Horta, Wagner Tiso, Ronaldo Bastos e a turma do Som Imaginário, gravou o disco que mudaria tudo: Clube da Esquina (1972). Um álbum du-

plo que não cabia em rótulos: era MPB, folk, psicodelia, pop, barroco e jazz, tudo junto e misturado, como a própria vida.

É impossível escolher uma canção só. “O Trem Azul”, “Cravo e Canela”, “Um Girassol da Cor do Seu Cabelo”, “Paisagem na Janela”, “Clube da Esquina II”... Cada uma é uma janela aberta para um mundo diferente.

O jeito de Lô compor era só dele. Harmonias que pareciam simples, mas guardavam segredos; outras, complexas, mas leves como o vento da Serra. “Clube da Esquina II”, por exemplo, é feita de estrelas! Uma melodia que caminha entre o céu e a terra, entre o mistério e a ternura.

E há também o “Disco do Tênis”, seu primeiro voo solo. Um álbum peculiar, cheio de detalhes e liberdade, que virou culto. Décadas depois, até Alex Turner, do Arctic Monkeys, confessaria ter se inspirado nele.

Como músico, não consigo deixar de sentir essa influência de perto. Sempre que toco suas canções, seja nas aulas, nos shows ou em uma simples roda de amigos, descubro caminhos novos, harmonias escondidas, gestos sutis que revelam o quanto Lô era

grandioso. Ele é, e sempre será, uma das minhas maiores referências musicais.

Lô Borges foi desses artistas que não pertencem a um tempo, pertencem à eternidade. Sua música é estrada, montanha, esquina e pôr do sol. E hoje, quando o silêncio chega, ele parece dizer lá de cima, com sua voz mansa: “E lá se vai mais um dia...”

Câmara aprova projeto que cria e diversifica a Cultura nos bairros

A Câmara Municipal de João Monlevade deu um importante passo para a descentralização das atividades culturais na cidade. Em reunião na quarta-feira (5), os vereadores aprovaram o Projeto de Lei nº 1583/2025, de autoria do parlamentar Belmar Diniz (PT), que institui o Programa Cultura nos Bairros.

A proposta tem como principal objetivo levar arte, cultura e formação para as comunidades mais afastadas do centro, ampliando o acesso da população a manifestações culturais e educativas. Entre as ações previstas estão apresentações musicais, teatrais, circenses e de dança, além de oficinas, cursos de arte, feiras de artesanato, gastronomia e literatura.

De acordo com o autor do projeto, o programa busca democratizar o acesso à cultura como um direito fundamental, conforme estabelece o artigo 215 da Constituição Federal. “Nosso objetivo é garantir que moradores de todos os bairros, inclusive os mais afastados, tenham oportunidades de viver experiências culturais e artísticas, bem como valorizar os artistas locais. Tenho cer-

teza de que vamos descobrir novos espaços de eventos na cidade”, destacou Belmar durante seu discurso.

O vereador também fez questão de agradecer pessoas que o inspiraram na defesa da cultura, citando seu pai, o ex-prefeito Leonardo Diniz, e o procurador jurídico da Câmara, Silvan Pelágio, que colaborou na elaboração do texto da lei.

Conforme a iniciativa, o “Cultura nos Bairros” prevê ainda parcerias com entidades culturais, artistas locais, organizações da sociedade civil e voluntários, além da realização de editais públicos para seleção de propostas que integrarão a programação do projeto. A iniciativa, caso seja sancionada, representa um avanço significativo para o fortalecimento das políticas culturais em João Monlevade, ao reconhecer a cultura como ferramenta de inclusão, identidade e desenvolvimento comunitário. O projeto segue agora para a sanção do Executivo.



(*) Daniel Bahia
é músico, fã de Lô
Borges, dentre outros
gênios da guitarra,
e fundador da Daniel
Bahia Escola de Música

A proteção do patrimônio histórico e cultural brasileiro

(*)Juliano Ribeiro de Ávila Torre

Com o objetivo de promover ações protetivas ao patrimônio cultural, nos dias 6 e 7 de novembro de 2025, aconteceu, na cidade de Ouro Preto/MG — berço da memória colonial e símbolo da arte colonial mineira —, o II Seminário Nacional de Direito do Patrimônio Cultural. O evento reuniu juristas, restauradores, arquitetos, gestores públicos, acadêmicos e representantes da sociedade civil, culminando na aprovação de uma carta conclusiva sobre o papel do inventário na proteção jurídica do patrimônio cultural. O documento reafirma a importância do inventário como instrumento essencial de tutela, servindo não apenas para identificar bens de relevância cultural, mas também para garantir sua proteção antes mesmo de qualquer tombamento formal.

O inventário possui força normativa e preventiva. Ele reconhece o valor cultural de determinado bem e, com isso, aciona mecanismos jurídicos de defesa. A ausência de inventários atualizados e integrados às políticas públicas de urbanismo e meio ambiente fragiliza a gestão patrimonial. O inventário é o primeiro passo para assegu-

rar a efetividade do artigo 216 da Constituição Federal, que consagra o dever do Estado e da comunidade em proteger o patrimônio cultural brasileiro.

A preservação não se resume à conservação física de objetos. Restaurar é compreender o contexto histórico, os materiais, as técnicas e as intenções originais de cada criação. É uma atividade de respeito à memória e à autenticidade. Sem o respaldo jurídico e institucional adequado, muitos bens materiais — igrejas, casarões, esculturas e pinturas — acabam deteriorando-se ou sendo perdidos para o tempo e o descaso.

O patrimônio cultural não se limita ao que é tangível. Os bens imateriais — festas populares, saberes tradicionais, culinárias regionais, ofícios artesanais, manifestações musicais e religiosas — são igualmente pilares de nossa identidade. Exemplos como o samba de roda baiano, o frevo pernambucano, o ofício das paneleiras de Goiabeiras e o modo de fazer o queijo minas artesanal mostram que o Brasil é herdeiro de uma riqueza simbólica sem precedentes. Tais expressões precisam de proteção e valorização permanentes, sob pena de desaparecimento diante da globalização e da homogeneização cultural.

Na região do Médio Piracicaba, entre os inúmeros bens que merecem destaque, encontra-se o Solar Monlevade, construído no século XIX pelo engenheiro francês Jean Antoine Felix Dissandes Monlevade, fundador da cidade homônima em Minas Gerais. O edifício, de grande valor arquitetônico e histórico, representa um capítulo funda-

mental da história da industrialização mineira e da presença estrangeira no desenvolvimento técnico do país. Sua preservação é um dever de memória e reconhecimento da contribuição europeia e do contexto socioeconômico de formação da região.

Para garantir a continuidade dessa herança, é urgente que o poder público adote políticas integradas de preservação, que incluam: ampliação dos incentivos fiscais à restauração de bens

tombados, capacitação técnica de profissionais, educação patrimonial nas escolas, atualização permanente dos inventários e criação de fundos municipais e estaduais de proteção ao patrimônio.

Cuidar do patrimônio histórico e cultural brasileiro é cuidar de nós mesmos. É afirmar que a memória, o saber e a arte são direitos coletivos e instrumentos de cidadania.



(*) Juliano Ávila é monlevadense, advogado, restaurador de obras de arte e especialista em História da Arte Sacra

JOÃO MONLEVADE NO COMBATE À DENGUE

VEM AÍ!
DIA D
DE MOBILIZAÇÃO
CONTRA A
DENGUE



Cada atitude conta:
evite água parada e elimine os focos do mosquito.
Proteja sua família.

28 DE NOVEMBRO
FAÇA SUA PARTE!

SECRETARIA
MUNICIPAL DE
SAÚDE



PREFEITURA DE **JOÃO**
MONLEVADE
ADMINISTRAÇÃO 2025 - 2028